

“Conversa” de A. Tito Filho: análise da produção discursiva de *A Luta* sobre a imprensa piauiense em 1952¹

Kamilo de ALMEIDA²

Graduando

Nilsângela LIMA³

Doutora

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

O presente trabalho apresenta um estudo sobre o jornal *A Luta* no ano de 1952, em especial, a análise dos discursos autorreferenciais assinados e publicados por Arimatéia Tito Filho na coluna “Conversa”. A metodologia adotada para a análise do material empírico é a Análise do Discurso na perspectiva de Foucault (2006). Também são tomados como base a teoria do jornalismo de Beltrão (1960), Traquina (2005) e Bahia (2009) e o conceito de autorreferencialidade proposto por Fausto Neto (2006) e Lopes (2007). Considera-se que o jornal estabeleceu vínculos com seus leitores e pessoas específicas para comentar sobre a sua prática jornalística e o seu conteúdo, homenagear ou criticar personalidades da época e posicionar-se sobre o que era discutido pela imprensa e pela sociedade, embora tenha circulado em um período no qual o jornalismo de caráter objetivo, informativo e neutro ganhava relevância.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Jornalismo; Análise do Discurso; *A Luta*.

1 Introdução

Na trajetória da imprensa piauiense, o período que contempla os anos cinquenta do século XX é marcado por inúmeras transformações. Entre tais mudanças, estão a introdução do modelo de jornalismo norte-americano, a busca pela autonomia do campo jornalístico, a frequente reflexão sobre a missão da imprensa feita pelos meios de comunicação e a necessidade da qual alguns jornais sentiam de se apresentar como objetivos, livres de interesses partidários e em defesa da coletividade, ainda que na prática agissem de forma diferente.

Ao discutir sobre a forma que o campo jornalístico se apresentava nesse período, Pinheiro Filho (1996) aponta as razões as quais teriam levado a imprensa piauiense a conquistar mais leitores e ser usada por políticos, jornalistas e outros profissionais em suas

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo.

² Graduando do 7º período do Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFPI. Email: kamilocarvalho@hotmail.com

³ Doutora. Professora do Curso de Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPI. Email: nilsangelacardoso@ufpi.edu.br

lutas pessoais e retaliações. De acordo com o autor, após o Estado Novo, verifica-se um acentuado processo de modernização no Piauí, de maneira que a conjuntura política e econômica permitia a circulação de novos jornais ou até mesmo que jornais deixados de ser produzidos retornassem às suas atividades. São destacados, assim, os jornais *Resistência*, *Jornal do Comércio*, *O Pirralho* além dos jornais estudantis os quais também surgiram ou reapareceram.

Apesar da variedade de impressos, almanaques e revistas que circularam nesse período no Piauí, principalmente em sua capital, Teresina, a quantidade de trabalhos que tratam sobre tais jornais é reduzida. Assim, este trabalho apresenta um estudo sobre o jornal *A Luta* e a sua produção discursiva na coluna “Conversa”, a qual era assinada por Arimatéia Tito Filho. O *corpus* da pesquisa se configura em 9 (nove) das 12 (doze) edições do jornal *A Luta*, edições estas disponíveis no Arquivo Público do Estado do Piauí, localizado em Teresina.

A teoria e a metodologia da pesquisa adotadas para a análise do material empírico foram a Análise do Discurso na perspectiva de Foucault (2006), que defende o controle, seleção, organização e redistribuição do discurso. Nesse viés, tem maior relevância conceitos como discurso, prática discursiva e formação discursiva que auxiliam na compreensão de como o jornal *A Luta* se posicionava ao comentar sobre os assuntos que eram amplamente discutidos pela imprensa em nível local e nacional e também pela sociedade.

Verifica-se que a principal estratégia enunciativa utilizada pela redação de *A Luta* com o objetivo de se legitimar, controlando o discurso e a prática jornalística, é a autorreferencialidade que, neste trabalho, é discutida tomando como base Fausto Neto (2006) e Lopes (2007). Também era comum o impresso discutir sobre a prática jornalística, a responsabilidade do jornalista, os preceitos éticos da profissão, limites da liberdade de imprensa e outras questões relacionadas ao campo. Nesse sentido, a discussão com base na teoria do jornalismo é feita a partir de Beltrão (1960), Traquina (2005) e Bahia (2009).

Por fim, apresenta-se o desenvolvimento da imprensa brasileira – sobretudo a piauiense – e a utilização dela como instrumento de legitimação e disputa de poder. Dessa forma, ressalta-se a importância de Sodré (1983), Ribeiro (2003), Barbosa (2007), Luca (2008) e Martins (2011) na discussão sobre a imprensa nacional. Ao refletir sobre a imprensa piauiense, toma-se como ponto de partida as considerações de Pinheiro Filho (1996), Moraes (2010), Santos (2014) e Lima (2014; 2015).

2 A imprensa piauiense e jornalismo moderno na década de 1950

A imprensa brasileira, especialmente a piauiense, é relacionada ao reforço de pensamentos dominantes e hegemônicos de determinadas classes, como a de políticos e de jornalistas. Ao comentar sobre a imprensa que era praticada durante o período imperial no Brasil, Martins (2011) destaca que o periodismo era o formato preferencial da imprensa que discutia, com frequência, sobre as causas políticas. Entre os temas de maior recorrência, são apontados o debate da Maioridade e também a ascensão de Pedro II ao trono, que foram temáticas debatidas com o viés conservador e também liberal.

Outra característica destacada por Martins (2011) é a junção da política e da imprensa a serviço de partidos. Nesse momento, era comum que os grupos políticos e suas famílias fossem representados por um jornal que mostrava as suas posições, ambições e lutas. A divisão por tema já era apontada porque os jornais frequentemente comentavam sobre os atos do governo e faziam a conexão entre as províncias e o poder central. Além disso, as denúncias que tinham como foco o cotidiano do império eram feitas pelos jornais de confronto e pelos panfletos ousados.

Somente a partir dos anos 1950 é que o jornalismo diário deixa de lado algumas características, como os moldes literários (RIBEIRO, 2003). Conforme Barbosa (2007), essa separação serviu para que os jornalistas firmassem o seu profissionalismo e o reconhecimento do seu lugar de fala. Além disso, o processo de autonomia do campo jornalístico resultou na separação entre o mundo da opinião e o da informação. Assim, segundo a autora, os jornalistas desse período já instauram a “mítica da imparcialidade”. No entanto, apesar da nova identidade e de também estarem no mundo dos negócios, tais jornais não deixaram de ser usados para os embates políticos e para as lutas simbólicas.

Ainda nessa fase, embora alguns avanços tecnológicos marcassem a trajetória da imprensa brasileira, ainda era comum que políticos, atrelados a algum grupo familiar, fundassem um jornal para servir de instrumento de defesa do seu partido e de combate à oposição (RIBEIRO, 2003; LUCA, 2008; MARTINS, 2011). Para Sodré (1983), essa relação entre imprensa e política acabou contribuindo para que o “fato político” se tornasse a pauta principal dos jornais, posto que surgiam com o objetivo de endeusar ou destruir indivíduos por meio da virulência da linguagem. O autor estabelece a abordagem política como uma preocupação dos jornais da época e também destaca os alvos dos jornais que participavam dos embates, a saber: “aqueles que estão ligados ao problema do poder” (SODRÉ, 1983, p. 277).

No Piauí, mesmo que a modernização da imprensa ficasse cada vez mais forte a nível nacional, a prática jornalística ainda mantinha muitas características oriundas do seu período de surgimento, especialmente na década de 1950. De acordo com Lima (2015), entre os aspectos mais fortes, é dado destaque para a imprensa que ainda se manteve subordinada ao Estado e ao capital comercial atuando, conseqüentemente, como servidora de um poder de legitimação ideológica especialmente em fases de inquietações políticas.

No Brasil, e no Piauí não foram diferentes, as tipografias instaladas no século XX ainda tinha em seu bojo o interesse de que elas funcionassem como tribunas dos políticos e/ou partidos políticos as quais pertenciam ou haviam sido arrendadas. Certos espaços da página do jornal eram reservados para publicar as discussões e os debates oriundos das querelas políticas partidárias locais (LIMA, 2015, p. 2).

Conforme Santos (2014), com o fim do Estado Novo e com a promulgação da Constituição de 1946, o Brasil tinha a forte atuação de três partidos, a saber: o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e, por último, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). No Piauí, o PSD e a UDN eram os dois maiores grupos políticos que atuavam defendendo os seus interesses e ideais por meio de diversas estratégias. Entre elas, o investimento nas propagandas políticas por meio dos jornais era uma das mais recorrentes.

Ainda de acordo com Santos (2014), o PSD e a UDN tinham uma forte ligação com a imprensa e, no âmbito regional, acompanhavam as disputas que ocorriam em outros locais do Brasil. Como exemplos, são citados os impressos que possuíam orientação política e ideológica clara e definida, como o *Jornal do Piauí*, que dava apoio ao PSD e era representado pelo governador Pedro Freitas, assim como o jornal *A Cidade*, o qual possuía vínculo com a UDN e tinha como principal figura representativa o então prefeito de Teresina, João Mendes de Olímpio. Por fim, também são apontados os jornais que se autodeclaravam neutros frente aos assuntos políticos, como *O Dia* e *A Luta*, pois possuíam colaboradores ligados aos dois partidos.

3 Jornal *A Luta* e a crítica da prática jornalística piauiense no discurso autorreferencial

O jornal *A Luta* teve a sua primeira edição impressa no dia 29 de junho de 1952, sendo fundado em Teresina por José Arimatéia Tito Filho, também conhecido como A. Tito Filho. O jornal circulou até 7 de setembro de 1952. Em sua primeira edição, o proprietário e diretor do jornal não somente assumia com seus leitores o compromisso de exercer a atividade

jornalística de forma responsável, como também apresentou a linha editorial a ser seguida pelo órgão.

Não somos neutros. Somos imparciais. Nosso programa é aquele que visa [sic.] defender a legalidade constitucional, inflexivelmente. Nosso programa é a observância da lei, na sua majestade e na grandeza. É a perseverança defesa das instituições livres. No arbítrio está a anarquia. Na legalidade é que reside a ordem. Muitos trabalham neste órgão e a ele dedicam os seus suores [...] (PROGRAMA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 1, p. 1, 29 jun. 1952).

As doze edições de *A Luta* circularam semanalmente e era comum que a quantidade de páginas variasse de uma edição para outra, sempre de 6 a 8. Assim como nos demais jornais que surgiram nesse período, já era possível observar as marcas do modelo de jornalismo moderno, em que a objetividade e a imparcialidade eram requisitos obrigatórios para a produção da notícia. No jornal *A Luta*, esse novo padrão de jornalismo é observado desde a sua primeira edição, como no fragmento transcrito acima, quando afirma “somos imparciais”. Além da edição de lançamento, as marcas de um tipo de jornalismo que se fazia em *A Luta* poderiam ser notadas ao longo de suas páginas através das matérias e da publicação de anúncios publicitários, principalmente de lojas de móveis e distribuidoras de carros.

Além da presença dos anúncios publicitários, *A Luta* também se destaca por oferecer variadas temáticas em suas páginas. Essa característica começou a ser recorrente com a intensificação do processo de modernização sofrida pela imprensa no final do século XIX até o início do século seguinte. Como resultados, são apontadas as alterações na estrutura técnica, produção, organização, direção e financiamento dos jornais que surgiam. De acordo com Luca (2008), a incorporação de gêneros como o esporte, cultura, economia, educação, literatura e outras temáticas também é consequência dessa modernização.

No impresso dirigido por A. Tito Filho, essa diversificação de conteúdo é observada nas homenagens feitas aos professores, nos comentários sobre a comercialização de produtos, cobrança de impostos e também quando eram feitos comentários sobre as festividades de comemoração do I Centenário de Teresina. Nessa última temática, que foi abordada pela redação de *A Luta*, é incluída a discussão sobre o financiamento do evento, abandono de determinados espaços públicos de Teresina e ainda a eleição que definiria a Rainha do Centenário.

Para discutir sobre os acontecimentos que marcavam o cotidiano de Teresina ou outros locais do Piauí, e ao mesmo tempo para falar de si, *A Luta* apresentava um conteúdo

em grande parte autorreferencial. Segundo Lopes (2007, p. 3), “esse é, portanto, lugar de lutas pelo sentido da profissão, ou seja, local estratégico em que os atores buscam um consenso provisório sobre suas competências típicas e sua autoridade”. Para Fausto Neto (2006), essa é uma outra forma que o “sistema midiático jornalístico” encontra para reforçar os “contratos de leitura” com o seu público alvo e, na medida em que esse vínculo ocorre, novas formas de confiança, credibilidade e crença são desenvolvidas entre o leitor e o meio de comunicação.

Além disso, era recorrente a utilização dos processos de caráter industrial, que substituíram o trabalho manual e a maior divisão do trabalho, uma vez que os impressos tinham em suas equipes redatores, articulistas, críticos, repórteres e outros profissionais (LUCA, 2008). Como consequência desse avanço, *A Luta* apresentava uma maior diversificação na sua equipe de profissionais. Além de A. Tito Filho como diretor, atuavam no jornal funcionários públicos, políticos, estudantes, professores e demais profissionais que atuavam também de outros locais do Brasil, conforme explica Santos (2014).

Merece destaque o vasto currículo do fundador e diretor do jornal *A Luta*, A. Tito Filho. Sua atuação no Piauí ainda hoje é lembrada, haja vista que ele ocupou cargos importantes no Estado, foi professor, intelectual e trabalhou como jornalista/colaborador em várias redações de jornais de Teresina e também fundou outros. Santos (2014) aponta que A. Tito Filho era bacharel em Direito, foi delegado de Trânsito e Costumes de Teresina e professor de Língua Portuguesa em colégios tradicionais da capital, assim como na Faculdade de Filosofia do Piauí. Ainda vale destacar que A. Tito passou pela Academia Piauiense de Letras e desenvolveu inúmeros outros trabalhos.

Suas maiores marcas foram deixadas no âmbito da política, do jornalismo e da intelectualidade. Mesmo que tenha circulado em um período de transição e modernização da imprensa, marcado pela introdução do modelo de jornalismo moderno, o intelectual A. Tito Filho e a redação que coordenava não deixaram de utilizar as páginas de *A Luta* como tribuna. Frequentemente eram feitos elogios, críticas ou sugestões e pedidos para deputados, prefeitos, governadores e até mesmo para o presidente do Brasil.

4 “Conversa” de A. Tito Filho e a produção discursiva de *A Luta* sobre a imprensa piauiense

O jornal *A Luta* é marcado pela variedade de temas que oferecia aos seus leitores. Entre as seções e colunas mais recorrentes, estão: “Conversa”, “Salvo Melhor Juízo”, “Flagrantes da Cidade”, “Ecos”, “Correio de ‘*A Luta*’”, “Notas parlamentares”, “Conheça o seu deputado”, “Esportes”, “Notas Jurídicas”, “Indicador Profissional” além das diversas

notas e cartas que foram publicadas no impresso semanal e eram distribuídas de acordo com a disponibilidade de espaço físico. Com isso, era comum que um texto fosse iniciado nas primeiras páginas da edição e a sua continuação fosse encontrada somente no final do jornal.

Apesar da variedade de conteúdo, analisa-se somente a coluna “Conversa” de *A Luta* nesse trabalho. O periódico dirigido por A. Tito Filho tinha como característica marcante o reconhecimento do leitor como um sujeito ativo no processo de produção do jornal. Essa característica já era muito comum nos impressos desse período e também pode ser apresentada como um processo que estabelece um vínculo de confiança entre o sistema de produção jornalística e o público leitor, como pontua Fausto Neto (2006).

“Conversa” funcionava também como uma espécie de editorial em *A Luta*. O diretor do órgão apresentava o posicionamento do jornal, o papel da imprensa e justificava decisões que eram tomadas pelos jornalistas. Embora o título da coluna sugerisse uma “conversa” entre pessoas, o que havia era a publicação de textos para os leitores, sem que a estes fosse dado qualquer espaço para que sua voz aparecesse na coluna. A coluna “Conversa” assumia papel central e de único enunciador da direção do impresso, dirigindo-se aos leitores ou personalidades de Teresina e outros locais do Piauí.

Quanto aos enunciados publicados na coluna “Conversa” de *A Luta*, em sua maioria autorreferenciais, observa-se que o jornal apresentou discursos em suas páginas falando de si e apontando as suas principais características editoriais, fazendo homenagens a personalidades da época e também se dirigindo para pessoas específicas com o objetivo de saudar ou fazer pedidos, críticas e sugestões. Convém salientar que a seção está presente somente nas edições dos dias 6, 13, 20 e 27 de julho; 3 e 31 de agosto e, por fim, na edição de 7 de setembro de 1952.

4.1 Discursos sobre o próprio jornal direcionados aos leitores

A primeira edição de *A Luta* não teve a publicação da coluna “Conversa” em suas páginas, que surge somente na segunda edição, no dia 6 de julho de 1952. Nela, A. Tito Filho, diretor do jornal, assina o texto e festeja a circulação de mais um número de *A Luta*, faz comentários sobre as melhorias no conteúdo oferecido ao público e convida os leitores a enviar críticas e sugestões para a redação do impresso:

Leitor amigo:

Hoje circula o segundo número deste jornal. Novos esforços. Novas Lutas. você há de notar que melhoramos muito. Criamos seções de interesses gerais. Confiamos a paginação a técnico de valor. E não pretendemos ficar nisto. Estamos em entendimentos com agências noticiosas, visando a

oferecer amplo material informativo e educativo. Vamos fazer imprensa sadia, honesta e principalmente imparcial. Para tudo, queremos contar com a ajuda de quem nos lê. Aguardamos críticas e sugestões. Esperamos também a colaboração inteligente do amigo leitor. Dentro de poucos dias, logo que se satisfaçam as exigências da lei, vamos iniciar a venda de ações da Empresa Gráfica Editora “A LUTA”, S. A., proprietária deste órgão. Temos confiança na ajuda do piauiense. “A LUTA” é do público, da coletividade. E esta deve ajudar-nos, na obra ingente de dotar Teresina de um veículo moderno de cultura e de educação. Por hoje, só. A DIREÇÃO (CONVERSA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 2, p. 8, 6 jul. 1952).

O fragmento acima coloca em evidência qual seria o papel do jornal *A Luta* na imprensa piauiense dos anos 1950, período em que também ocorre o processo de transição e modernização do jornalismo. Como uma carta dirigida ao leitor, o jornal apresenta suas principais marcas: melhoramento técnico, oferta de material informativo e educativo; funcionaria como imprensa “sadia”, “honesta” e, sobretudo, “imparcial” para atender o público e a coletividade. “Informação” e “imparcialidade” eram consideradas as novas regras de produção da notícia com o processo de modernização do jornalismo.

Os dois termos “informação” e “imparcialidade” se vinculam a um terceiro, que é o “sadio”, no sentido de afirmar sua posição de veículo moderno na imprensa piauiense na medida em que, por meio do melhoramento técnico do jornal e do entendimento com as agências de notícias, houve mudanças na linguagem jornalística na qual a virulência, o xingamento, a difamação e as picuinhas políticas partidárias ficariam de fora das regras de produção da notícia. A proposição de prática jornalística moderna pautada na informação e na neutralidade concerne naquilo que Beltrão (1960) define como o prestígio e a autoridade do verdadeiro jornalismo, que se originam da “sobriedade na informação, da segurança na orientação [...] e boa medida na apresentação técnica” (BELTRÃO, 1960, p. 104).

Nos anos 1950, era comum que assuntos de cunho político-partidários ocupassem boa parte das páginas dos jornais que circularam em Teresina. Conforme Moraes (2010), mesmo que a fundação dos impressos no Piauí tivesse ultrapassado os 100 anos, ainda predominavam relações, implícitas ou explícitas, dos diretores e funcionários de tais jornais com as conjunturas políticas. Diante disso, na edição de 20 de julho de 1952, *A Luta* esclarece aos seus leitores que o jornal não obedecia a nenhuma diretriz de organização política partidária mesmo que seus colaboradores fossem ligados a algum partido.

Leitor amigo:

Muitos nos têm perguntado qual a nossa posição política. Querem que digamos a qual partido estamos filiados. Sinceramente, cada um dos que trabalham neste órgão possuem suas convicções partidárias. Cada um pensa

como quer, lá fora. Aqui, na redação, todos se fortalecem de um propósito: Fazer imprensa honesta, moralizadora, sadia, embora, para isso, se firam os interesses pessoais de quer que seja. Este órgão não obedece a diretrizes de nenhuma organização político-partidária com existência legal, ou ilegal, dentro do país, ou fora d'ele. Curva-se ao império da razão e da justiça. Condena o erro estigmatiza o crime. Alguns duvidam do nosso programa. E argumentam que, composto nas oficinas do "Diário Oficial", este jornal, forçosamente, há de ter cordão umbelical preso ao atual governo. Não é verdade. Pagamos à imprensa do Estado o serviço que os seus ativos operários nos prestam. O direito de usar as máquinas daquela repartição nos pertence, como tem pertencido a todos por força do art. 174 da Constituição Federal: "O amparo à cultura é dever do Estado". Não escrevemos pasquins. Nem estamos a soldo de governistas, de oposicionistas ou de oportunistas. Fazemos imprensa. Isto nos basta. E jamais decepcionaremos os que depositarem em nós a sua confiança. A DIREÇÃO (CONVERSA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 4, p. 8, 20 jul. 1952).

Outro ponto que deve ser salientado é o interesse da Direção de *A Luta* se apresentar como uma linha editorial independente dos partidos políticos. Na coluna "Conversa", a direção justifica que o jornal é impresso nas oficinas do "Diário Oficial", mas isso não significa dizer que *A Luta* seja subordinado ao governo do Estado do Piauí. Da mesma forma, lança mão do Artigo 174 da Constituição Federal a fim de comprovar a independência da sua linha editorial, que lhe garantia a segurança de usar as oficinas por meio do serviço pago, sem que houvesse qualquer tipo de relação de subvenção ao governo estadual. De alguma forma, o jornal retoma uma questão que já havia sido apresentada na coluna "Conversa", publicada na edição de 08 de julho de 1952, de que enquanto aguardava a aprovação legal de funcionamento da Empresa Gráfica Editora "A LUTA", S.A., de propriedade do órgão, necessitava pagar a imprensa do Estado para ter o jornal em circulação.

Ainda diferencia "imprensa" e "pasquim" através das frases: "Não escrevemos pasquins" e "Fazemos imprensa". Estas duas afirmações eram corriqueiras nos anos cinquenta do século XX, período no qual a imprensa passava por transição de um tipo de jornalismo ideológico, opinativo e político para o jornalismo neutro, objetivo e informativo. Mais do que isso, a diferenciação da "imprensa" em relação ao "pasquim" se dava no âmbito da linguagem. De acordo com Sobré (1983), o jornal do tipo pasquim era definido como um tipo de jornalismo em que fazia uso de uma linguagem virulenta e individualizada com o objetivo de destruir a pessoa, o indivíduo político.

Entende-se que a Direção de *A Luta* buscava se diferenciar de um modelo de jornalismo faccioso e doutrinário por meio do discurso autorreferencial. Assim, se autodeclarar como "imprensa" denotava ainda mais a independência do jornal frente ao "soldo dos governistas, oposicionistas ou oportunistas", como afirma *A Luta*. Essa condição

pode ser ainda explicada através do discurso autorreferencial do jornal quando afirma que *A Luta* se “curva ao império da razão e da justiça”. Razão e justiça são apresentadas como imperativos da prática jornalística pretensa a publicar notícias como mimese da realidade e a verdade dos fatos. Esse posicionamento na imprensa não era uma novidade do século XX. De acordo com Traquina (2005), desde o século XIX vivia-se um culto dos fatos e a discurso maçante de que era dever da imprensa fornecer a verdade exata.

No Brasil, as tentativas de despolitização da imprensa acontecem no século XX, especialmente, nos anos 1950 com o processo de transição. Uma característica muito comum dos impressos desse período era se apresentar para a sociedade como um meio de comunicação neutro e sem ligação com partidos políticos. *A Luta*, que surgiu em 1952, também refletiu sobre a responsabilidade social da imprensa. O jornal se definia como neutro e imparcial, mas na prática exercia o chamado “jornalismo ideológico” que, segundo Beltrão (1960), é marcado pela “orientação clara, direta, inflexível, apaixonada e, por vezes, mesmo agressiva” (BELTRÃO, 1960, p. 112).

No caso de *A Luta*, a reflexão sobre como a imprensa deveria se comportar e agir foi feita de variadas formas. Houve casos em que o jornal apontava a missão dos jornalistas na imprensa ou apresentava discursos com críticas e elogios para si e para as atividades jornalísticas praticadas por outros profissionais e meios de comunicação. Isso é observado na sua edição de 31 de agosto de 1952, quando a direção do jornal, mais uma vez, assina o texto, informa sobre a venda de ações da Editora de *A Luta* e também reflete sobre o seu fazer jornalístico, direcionando-se ao leitor da seguinte forma:

Leitor amigo:

Já se processam as últimas **demarches** para a constituição da Editora de *A LUTA S. A.* Dentro de poucos dias, iniciaremos a venda de ações populares, à razão de cr\$ 100,00 cada uma, a fim de que possamos adquirir máquinas e servir o povo com um jornal moderno, que não derive para o terreno das retaliações pessoais nem da calúnia, da difamação ou da injúria. Queremos crer que o povo aprovará os nossos esforços e apoiará a nossa iniciativa. [...] A DIREÇÃO (CONVERSA. *A Luta*. Teresina, ano I, n. 9, p. 6, 31 ago. 1952).

Verifica-se, assim, que a redação do impresso tem o esforço de afastar a sua imagem do jornalismo marcado pela virulência da linguagem além de reforçar a mentalidade jornalística que começava a predominar na época. A prática condenada por *A Luta* permaneceu forte e foi discutida por autores que refletem sobre o *ethos* jornalístico, como

Bahia (2009). Segundo o autor, essa forma de pressão opinativa resulta de ações partidaristas, personalistas e também mostram o lado negativo da imprensa.

4.2 Comentários em homenagem a personalidades da época

A redação de *A Luta* frequentemente prestava homenagens a cidadãos da sociedade, políticos e moradores, e também personalidades que na época tinham uma maior notoriedade. Na edição de 13 de junho de 1952, o impresso comenta sobre o falecimento, ocorrido há mais de um ano, de Esmaragdo de Freitas. O piauiense nasceu na vila de Colônia, hoje Floriano (PI), no dia 2 de julho de 1887 e, durante a sua trajetória, foi desembargador no Tribunal de Justiça do Estado, atuou como senador e também escritor. A homenagem foi feita por A. Tito Filho na última página da edição e apresenta-se da seguinte forma:

Leitor amigo:

Ontem fez mais um ano que morreu Esmaragdo de Freitas. Homem de bem, cidadão ímpoluto, magistrado, íntegro e corajoso, o grande piauiense continua vivo na saudade de quantos o conheceram e no coração daqueles que conviveram com o seu espírito superior. A memória de Esmaragdo ainda não foi condignamente reverenciada pelos poderes públicos. Pouco nos importa. Resta-nos a satisfação de saber que os piauienses sempre haverão de honrá-la e de estremecê-la, homenageando, através dos séculos aquele que soube honrar a sua estremecida terra. A DIREÇÃO (CONVERSA. *A Luta*. Teresina, ano I, n. 3, p. 8, 13 jun. 1952).

Também foram homenageados e reverenciados, em outras colunas e seções do jornal, João Ferry, que lançaria o livro *Chapada do Corisco* durante as festividades de comemoração do I Centenário de Teresina; Antônio Freire, que ganharia um busto de bronze em sua homenagem também durante a festividade; Eva Perón, primeira dama argentina que teve os serviços prestados à humanidade reconhecidos e outras personalidades que tiveram seus nomes citados. Além destes destaques, foram aclamadas outras classes de profissionais, como médicos e professores que, em algumas situações, exigiram o aumento de seus salários e o jornal posicionou-se a favor do que era solicitado. Por fim, ressalta-se que parte das homenagens não eram feitas especificamente pelo impresso, mas *A Luta* deixava claro em seus textos que concordava com elas.

O conteúdo saudando Vilma Figueiredo Rêgo também ocupou grande parte do conteúdo de *A Luta*, especialmente na coluna selecionada para análise. Isso ocorreu com frequência, pois o impresso dirigido por A. Tito Filho surgiu quando Teresina se preparava para as festividades de comemoração do I Centenário da capital, que aconteceu em 1952. Diversas atividades foram preparadas para ocorrer durante o evento, mas a eleição para a

escolha de quem seria a Rainha do Centenário mobilizou a imprensa de forma mais forte. Diante do grande alcance e influência que tinha em mãos, a redação de *A Luta* frequentemente comentava sobre a eleição com o objetivo de intensificar a campanha a favor da candidata indicada pela imprensa ao título de Rainha do Centenário, Vilma de Figueiredo Rêgo.

Leitor amigo:

A imprensa de Teresina, em sua redonda, com a presença de diretores, redatores, gerentes e secretários de jornais, elegeu a senhorita Vilma de Figueiredo Rêgo sua candidata ao título de Rainha do Centenário. Seis dignas e encantadoras senhoritas mereceram as atenções dos votantes. Mas Vilma ganhou, por maioria. Nada mais justo do que o conagraçamento dos nossos órgãos de imprensa em tórno da vitoriosa. [...] Só nos resta, nesta campanha de sacrifícios, em que queremos premiar as virtudes eternas da mulher piauiense, solicitar amplo apoio dos nossos leitores. E se cada um for corajoso e leal, de já nos damos por vitoriosos. A DIREÇÃO (CONVERSA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 5, p. 8, 27 jul. 1952).

Ressalta-se que, além de comentar sobre a disputa que elegeria a vencedora do concurso, *A Luta* também expôs em suas páginas o seu posicionamento sobre a atuação da Prefeitura de Teresina e do Governo do Estado na organização do evento. Ao comentar sobre o que era feito pela prefeitura, o jornal causou a reflexão sobre a situação de locais abandonados da cidade que, segundo a sua redação, seria um problema para a recepção dos visitantes que viriam para o evento. Ao falar sobre Pedro Freitas, que nesse período governava o Piauí, o jornal mostra como o político obteve recursos do Governo Federal para o financiamento do evento.

4.3 Cartas voltadas para pessoas específicas

Uma outra característica da coluna “Conversa” é observada nas edições de 3 agosto e 7 de setembro de 1952. Nelas, a redação do jornal, que assinou um dos os textos, deu início ao conteúdo substituindo o termo “Leitor Amigo” pelo nome das pessoas a que gostaria de se referir para saudar ou fazer pedidos e sugestões. Inicialmente, a substituição do enunciado é feita quando a redação do jornal se dirige diretamente à Vilma para destacar as qualidades da candidata da imprensa ao título de Rainha do Centenário.

Vilma:

Quando a imprensa escolheu seu nome para sua candidata a rainha do Centenário, muita gente supôs que os patrocinadores de sua campanha eleitoral não dispunham de prestígio suficiente para garantir a sua vitória, nas urnas. Realmente, nunca fomos nenhum cabide de prestígio e nem nos lançamos à campanha confiados, apenas, nos nossos esforços. Quando decidimos, Vilma, que você seria nossa candidata, o nosso pensamento se dirigiu para as virtudes físicas e morais que ornaram seu corpo e seu espírito.

[...] Para sua vitória, excelsa Vilma, mais confiamos em você do que em nós. Nosso desprestígio, que êres - os adulares e subalternos apregoam - será compensado, de maneira brilhante, pela majestade de sua beleza, pelos encantos de sua graça, pela nobreza de suas atitudes, que fazem de você, Vilma, um grande espírito e um dos mais finos ornamentos da família piauiense. [...] A REDAÇÃO (CONVERSA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 6, p. 8, 3 ago. 1952).

Na sequência, o jornal dirige parte de seu conteúdo para o governador Pedro Freitas. Observa-se que os comentários de *A Luta* voltados para a administração do Piauí não ficaram restritos somente ao âmbito da comemoração do I Centenário de Teresina e que a discussão sobre diversas temáticas envolvendo a administração estadual foram iniciadas pela redação do impresso. Assim, em sua edição de 7 de setembro, *A Luta* solicita a Pedro Freitas que a situação financeira dos funcionários públicos estaduais fosse resolvida.

Sr. Pedro Freitas:

Vossa Excelência há de convir conosco em que é tristíssimo o quadro da realidade piauiense, com o atraso dos vencimentos do funcionalismo público, hoje na sua primeira semana de efetivação. A verdade é que, após gastar as míseras migalhas, amealhadas com sacrifícios tremendos, nos festejos do Centenário, em que só, oficialmente, participaram as altas autoridades da República e os bebedores de whisky, o funcionário matrapilho e rótico, doente e rico de dívidas, enfrenta o mês de setembro atarefado de dúvidas imensas e de sofrimentos inconcebíveis, com a triste expectativa de padecer as humilhações sem conta do desconforto nos lares e das cobranças vexatórias nas ruas. [...] Pois bem, eminente governador do Estado. Façamos tudo, deixemos, por algumas semanas ou meses, ou anos, as nomeações impostas pela politicalha enervante; suprimamos as festas, os saraus, os louvores, e paguemos os miseráveis níveis daqueles que só contam com os miseráveis níqueis que o Estado lhes dá, como paga daquilo que vale muito mais: vale pelo menos o direito da sua percepção em dia, hora e local certos. [...] (CONVERSA. **A Luta**. Teresina, ano I, n. 10, p. 6, 7 set. 1952).

Somando-se a essa discussão, o jornal também apontou a excessiva cobrança de impostos por parte de órgãos estaduais, criticou a exoneração de Maria do Carmo Mendes, apontando essa ação do governo como injusta, e também criticou o então diretor do Departamento da Fazenda, uma vez que ele agia seguindo os seus interesses partidários. Ao adotar essa postura, *A Luta* reforça o seu papel de apontar erros e falhas da administração pública e também de elogiar as ações realizadas com o objetivo de beneficiar a sociedade.

5 Considerações finais

No século XX, observa-se que a imprensa e o jornalismo piauiense passaram pelo processo de modernização que avançava nas diversas regiões do país, principalmente no eixo

Sul e Sudeste. Como consequência dessa mudança, pode-se apontar a forma que *A Luta* se apresentava por meio do discurso, a linha editorial adotada e também a diversificação de profissionais os quais se dedicaram na produção desse impresso que, mesmo com poucas edições, pode ser apontado como um dos mais importantes jornais que circularam em Teresina em 1952.

Por meio da coluna “Conversa”, A. Tito Filho buscou estabelecer um vínculo com seus leitores e ter uma maior liberdade para comentar sobre determinadas temáticas as quais eram discutidas pela imprensa e pela sociedade. Para tanto, falou do conteúdo do jornal que dirigia apontando as suas principais características editoriais, fez homenagens a personalidades da época e também se dirigiu para pessoas específicas com o objetivo de saudar ou fazer pedidos, críticas e sugestões.

Assim, o jornal *A Luta* conseguiu se legitimar determinando de que forma a imprensa e a prática jornalística deveriam ser vistas, como o discurso jornalístico deveria ser apresentado, como a administração pública deveria se comportar e também como a população deveria se envolver nas questões de interesse geral. Por fim, é notório que o conteúdo de *A Luta* foi marcado por um conteúdo educativo, vigilante, combativo e mediador de questões diversas entre os leitores, a imprensa e administração pública, ainda que tenha circulado no período de crescimento do modelo de jornalismo norte-americano marcado pela objetividade, neutralidade e imparcialidade.

Referências

A LUTA. Edições de 29 jun. 1952 a 7 set. 1952.

BAHIA, Juarez. **História da imprensa brasileira: jornal, história e técnica**. 5. Ed, Rio de Janeiro: MAUAD, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

FAUSTO NETO, Antônio. Mutações no discurso jornalístico: da “construção da realidade” a “realidade da construção”. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: Intercom, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951-1954)**. São Leopoldo, 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

_____. “Órgão independente, político e noticioso”: Jornal O Dia e o jornalismo em transição nos anos cinquenta do século XX. In: **Anais do Encontro Nacional de História da Mídia**. Porto Alegre: ALCAR, 2015.

LOPES, Fernanda Lima. Auto-referência, discurso e autoridade jornalística. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-fernanda-autoreferencia-discurso.pdf>>. Acesso em 16 de jun. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: **Anais do Congresso Internacional da Brazilian Studies Association**. Nova Orleans: Brazilian Studies Association, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MORAIS, Eliane de Rodrigues. **A comemoração do centenário de Teresina, um exemplo de práticas e representações**. Teresina, 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186>. Acesso em 26 de fevereiro de 2019.

SANTOS, Maurício Feitosa dos. **Comemoração, pobreza e cultura letrada no centenário de Teresina (1952)**. 2014. 242f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. v. 1, Florianópolis: Insular, 2005.